

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



## MÍDIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERCALÇOS E ALTERNATIVAS

*Media and teachers' formation: difficulties and alternatives*

Ivanildo Amaro de Araújo\*

\*Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ).

E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com

Material recebido em junho de 2008 e selecionado em agosto de 2008.

### RESUMO

Os avanços tecnológicos que vivenciamos neste século XXI impõem uma série de exigências para a educação e, mais detidamente, para a formação de professores. No âmbito da universidade, esta formação deve primar por uma sólida fundamentação teórica articulada com a prática cotidiana da escola. No contexto da sociedade da informação, torna-se relevante formar os professores para que possam dominar as novas tecnologias da informação e comunicação, ou seja, as mídias, a fim de utilizá-las na escola de forma criativa, crítica e competente. Este texto objetiva refletir sobre as inter-relações entre formação de professores e as mídias, apontando os percalços e as alternativas.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Tecnologias. Mídias.

### ABSTRACT

*Technological advances that we experience in this century require a series of demands for education and, in greater depth, for teacher training. Within the university, this training must provide a solid theoretical foundation combined with the daily practices of the school. In the context of the information society, it is important to train teachers so that they can harness new information and communication technologies, i.e., the media, in order to use them in school in a creative, critical and responsible way. This text aims to reflect on the inter-relationship between teacher training and the media, pointing out the mishaps and alternatives.*

**Keywords:** Teacher training. Information and communication technology. Media.

### 1. PRIMEIRAS PALAVRAS: A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Perplexidade, estranheza, incerteza, dúvidas...! Essas foram as sensações que imediatamente ecoaram após eu ter visto pela primeira vez o filme 2001 – uma odisséia no espaço, de Stanley Kubrick. Nisso, já se vão vários anos! Rever a película com um pouco mais de maturidade e um arcabouço maior de entendimentos auxiliou-me na compreensão de significados inumeráveis. O viés da obra aberta permite-nos tergiversar sobre diversos matizes e formas tais qual um caleidoscópio dos sentidos. Sentidos que se conectam numa expansão sensorial que se amplia a partir de nós, conforme aponta McLuhan (1995):

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilizar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (MCLUHAN, 1995, p. 21)

As implicações advindas daí indicam as tecnologias como partes integrantes do humano. A humanidade se expande a partir de suas criações, de suas invenções. Cultuado entre os cinéfilos, filósofos e curiosos, *2001 – uma odisséia no espaço* traz alguns elementos que corroboram para as reflexões que apresento neste trabalho acerca das mídias no campo da educação, focalizando as lentes para a formação de professores.

O filme envolve, em seus imbróglis narrativos, a suspeição de que a humanidade caminha para um modo diferenciado de ver e antever o amanhã, a eterna busca por conhecer o futuro. Impulsiona por meio do computador HAL – 9000, um dos personagens mais emblemáticos do *cult movie*, os dilemas da existência e da não-existência humana e, com isso, todos os atributos que advêm do que se entende por humanidade: poder, controle, erro, mentira, egoísmo, medo, solidariedade, falibilidade, incertezas, certezas.

As referências à criação de uma nova humanidade dialogam com alguns preceitos de Nietzsche. A descrença no futuro glorioso da civilização fica clara na “tomada de consciência” de HAL-9000. Assumir o controle dos humanos, no filme, metaforiza a visão niilista da negação do absoluto, certo, determinado. Japiassu e Marcondes (1996) assim caracterizam essa visão, pois trata-se da

[...] descrença em um futuro ou destino glorioso da civilização, opondo-se à idéia de progresso; e

pela afirmação da ‘morte de Deus’, negando a crença em um absoluto, fundamento metafísico de todos os valores éticos, estéticos e sociais da tradição. O niilismo nietzschiano deve, no entanto, levar a novos valores que sejam ‘afirmativos da vida’, da vontade humana, superando os princípios metafísicos tradicionais e a ‘moral do rebanho’ do cristianismo e situando-se ‘para além do bem e do mal’. (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 196)

Pretendo, aqui, não adentrar de modo profundo no mundo da filosofia nietzschiana, mas partir desse ponto para pensar como as mídias, tomando o contexto das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) e o contexto da sociedade contemporânea, se colocam no espaço/tempo da formação de professores.

Antes de adentrarmos no desenvolvimento dessas questões, gostaria de fazer uma pequena parada para contextualizarmos, de forma muito rápida e abrangente, o momento que temos vivido. Parece senso comum, mas não é demasiado citar que acompanhamos velozes, profundas e contraditórias alterações que caracterizam o contexto mundial, regional e local. A propalada *terceira revolução científica e tecnológica* caracteriza-se por um sofisticado aparato que representa a materialização dos avanços da técnica e da ciência. Microeletrônica, cibernética, tecnocrônica, microbiologia, biotecnologia, engenharia genética, energia termonuclear, robótica, informática, química fina, fibras óticas, *chips* são termos que, ultimamente, fazem parte de nosso cotidiano e, portanto, não podem estar fora das

discussões no escopo da escola e da formação de professores. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2007)

Evidencia-se, porém, que essas alterações, do ponto de vista do avanço, do progresso da humanidade, não são lineares e nem estão à disposição de todos. O domínio das novas tecnologias passa, também, pelas dimensões econômicas, sociais e culturais. No plano econômico e social, a globalização aparece como processo neocivilizatório a partir das técnicas e tecnologias como elementos propulsores da força produtiva. Santos (2006) considera a “globalização como perversidade<sup>1</sup>” ao afirmar que ela se coloca como uma “fábrica de perversidades” e de aprofundamento de desigualdades, principalmente sociais e econômicas. Nessa direção, verificam-se: a situação do desemprego estrutural, o aumento considerável da pobreza, o empobrecimento das classes médias, a baixa qualidade de vida, achatamentos de salários, flexibilização do trabalho, crises econômicas cíclicas, etc. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2007), a globalização se materializa na segunda metade do século XX como um processo acelerado de reestruturação econômica que envolve os avanços técnico-científicos em diversas áreas com vistas à maximização dos lucros e reordenamento do mundo produtivo.

No plano cultural, o avanço da engenharia genética, da tecnologia microeletrônica, da informação, da biotecnologia, da robótica responde a uma grande realidade

<sup>1</sup> O autor considera que há três mundos: a globalização como fábula, a globalização como perversidade e a globalização como possibilidade. Mais adiante, retomo essas definições para entendermos os contextos e os fins das hegemonias mundiais que se colocam e das contra-hegemonias que vão se aglutinando para lutar contra a dominação iminente.

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



virtual para os povos, pois, com o surgimento de novas tecnologias, não há, automaticamente, a substituição das “velhas”. Além disso, o acesso a esse novo conjunto de técnicas não se dá de maneira uniforme, democrática. Santos (2006) afirma que, ao surgirem novas tecnologias, as anteriores não desaparecem. Continuam existindo. Entretanto, a nova tecnologia é lar-

Mas, quando voltamos nossa atenção para a escola e para os docentes, percebemos que o temor da máquina é visível. Santos (2003) apresenta o descompasso entre professores, alunos e as novas tecnologias da informação e da comunicação. Enquanto os alunos, parte da geração digital, conhecem, vasculham, exploram o universo das múltiplas linguagens – visuais,

do professor precisa estar ancorada na capacidade de lidar com as tecnologias e delas extrair o máximo de possibilidades para contribuir na aprendizagem de jovens e crianças.

De acordo com Castells (2007), a sociedade da informação apresenta uma dinâmica avassaladora em termos de alterações do conhecimento, da linguagem e dos códigos que regem esta linguagem. Para ele, a atual revolução tecnológica não centraliza conhecimentos e informações, mas a capacidade de aplicar esses conhecimentos e informações com a finalidade de gerar novos conhecimentos e “dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”.

Nesse contexto, a escola e seus professores não deveriam permanecer na lógica organizativa de um trabalho pedagógico desconectado do universo cultural da sociedade da informação. Segundo Santos (2003), os professores distanciam-se do aparato tecnológico disponível, aprofundando, assim, o fosso entre os interesses de seus alunos e as práticas pedagógicas que desenvolvem. Isso reforça a idéia de que os temores das novas tecnologias ainda se encontram presentes no fazer cotidiano do professor.

Por que iniciar este texto com referências ao filme *2001 – uma odisséia no espaço*? Quais são as relações que se estabelecem entre este preâmbulo e a formação de professores, tendo como um dos pontos centrais a formação para o domínio das mídias? Que implicações se conectam com a possibilidade de refletirmos acerca do uso das mídias nos processos de formação de professores?

Essas são inquietações que incitam às reflexões sobre a complexidade

**Nossas crianças e jovens são da geração da câmera digital, do computador, do telefone celular, do videogame, do vídeo, do CD-ROM, do pen-drive, do MP3, do MP4, da internet. Entretanto, muitos são os docentes que temem a ocupação do espaço/tempo pedagógico pelas tecnologias.**

gamente difundida e disponibilizada para os atores hegemônicos. Haja vista o lançamento do *i-phone*, que causou grande frenesi nos consumidores dos Estados Unidos, da Europa e até mesmo do Brasil. Isto implica que os atores não hegemônicos permanecem acessando as ferramentas menos atuais e menos poderosas.

Articulando essas desigualdades no acesso às inovações tecnológicas, voltamos nosso olhar para HAL – 9000, o “vilão” do filme de Kubrick. Ele pode representar a lógica da dominação do homem pelas máquinas, aprofundando, assim, o mito costumeiramente posto nas histórias de ficção científica que exploram o antagonismo entre humanos e máquinas. Segundo Kenski (2006), essa visão é reducionista e estigmatizadora das tecnologias como espectros ameaçadores e geram apreensões.

auditivas, sensoriais, icônicas, etc. – os professores mantêm-se alheios ao “admirável mundo novo”. Tal descompasso não se resume ao uso do computador, pois abrange o emprego de diversas mídias que parecem distantes do universo docente.

Nossas crianças e jovens são da geração da câmera digital, do computador, do telefone celular, do videogame, do vídeo, do CD-ROM, do pen-drive, do MP3, do MP4, da internet. Entretanto, muitos são os docentes que temem a ocupação do espaço/tempo pedagógico pelas tecnologias. Dessa forma, preferem não dominar as técnicas de utilização dessas tecnologias no processo de trabalho pedagógico. O não-domínio leva a um trabalho burocratizado, descontextualizado, fragmentado e distante das reais necessidades dos alunos. Nesse contexto, a formação

técnico-científica dos processos de conhecimento e, neste movimento, da natureza do papel da educação na sociedade contemporânea. Assim, procuramos discutir os sentidos que subjazem às conceitualizações de técnica, tecnologia e mídia, buscando uma síntese para a compreensão das mídias no espaço/tempo da formação de professores. Em seguida, situaremos o debate nas inter-relações que se articulam entre as mídias e a formação de professores, suas limitações e suas possibilidades, de modo a contribuir para as práticas dentro de sala de aula.

## 2. O SENTIDO DAS TÉCNICAS, DAS TECNOLOGIAS E DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Antes de pensarmos diretamente na centralidade da formação de professores e suas relações com as mídias, vejo como preponderante sintetizarmos alguns conceitos de técnica, tecnologia e mídia. Para traçar essa rede de sentidos, busquei uma interlocução com alguns autores que transitam há um certo tempo nesta temática. Os conceitos não se opõem. Articulam-se, completam-se, interpenetram-se e interdependem uns dos outros.

A palavra técnica origina-se do grego *technikós* (lat. *technicus*) e corresponde ao latim *ars*, que significa arte. Chauí (2002) afirma que a técnica representa ordem ou atividade humana que obedece a regras, normas; é instrumento, ofício, ciência. De acordo com a autora, “seu campo semântico se define por oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. Por isso, em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir

uma atividade humana qualquer” (CHAUI, 2002, p. 317).

Acepções semelhantes são atribuídas por Japiassú e Marcondes (1996):

1. Conjunto de regras práticas ou procedimentos adotados em um ofício de modo a se obter os resultados visados. Habilidade prática. Recursos utilizados no desempenho de uma atividade prática. [...] 2. Em um sentido derivado sobretudo da ciência moderna, aplicação prática do conhecimento científico teórico a um campo específico da atividade humana. Ciência aplicada. [...] Na concepção clássica, na Grécia antiga, entretanto, não havia interação entre ciência e técnica. A ciência como teoria era considerada um conhecimento puro, contemplativo, da natureza do real, de sua essência, sem fins práticos. A técnica por sua vez era um conhecimento prático, aplicado, visando apenas a um objetivo específico, sem relação com a teoria. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 258)

Em síntese, é a forma como utilizamos determinados instrumentos e ferramentas com a intenção de atingir resultados definidos previamente. É importante ressaltar que tais procedimentos não excluem a criatividade como fator importante da técnica, tendo em vista que as fronteiras entre técnica e arte são muito tênues.

Toschi (2002) considera que a técnica se sustenta nas intencionalidades que se colocam para o uso de determinado instrumento e na perspectiva de seu aperfeiçoamento com vistas ao avanço da humanidade. Na Antigüidade, as técnicas eram presentes dos deuses. Essa visão é bem retratada no filme *A guerra do fogo*, de Jean Jacques-Annaud, em que o poder para criar o fogo não era, simplesmente, uma questão de merecimento de uma determinada tribo. Tratava-se da descoberta da técnica e de sua disseminação para outrem. Nesse contexto, a técnica deixa de ser a representação divina para se tornar um saber com finalidades práticas transmitido de geração a geração. (VARGAS, 1999 *apud* TOSCHI, 2002)

Temos ouvido costumeiramente que as tecnologias têm invadido nosso cotidiano. A primeira idéia que surge, de forma errônea ou impensada, é a de que as tecnologias relacionam-se diretamente aos equipamentos eletrônicos. Nosso pensamento imediatamente é levado a correlacioná-las com computador, celular, máquina fotográfica digital, etc.

De acordo com Lion (1997), a palavra tecnologia também tem sua etimologia vinculada à palavra grega *techné*, que simboliza *arte*.

**No plano cultural, o avanço da engenharia genética, da tecnologia microeletrônica, da informação, da biotecnologia, da robótica corresponde a uma grande realidade virtual para os povos, pois, com o surgimento de novas tecnologias, não há, automaticamente, a substituição das “velhas”.**

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



Complementar ao conceito de técnica, a tecnologia é a capacidade de produção humana, na busca pelo conhecer-se no que o sujeito produz, enquanto a técnica é o procedimento. O verbo grego *tictēin* é a raiz da *techné*, significando criação, produção, concepção, idealização. Assim, tecnologia e cultura se encontram no mesmo plano semântico por vincularem-se ao conhecimento necessário à transformação de dada realidade.

Na educação, a tecnologia alia-se ao processo de construção e avanço do conhecimento. Portanto, torna-se um elemento inerente ao processo educativo, tendo em vista que é criação e potencialidade. Conforme Toschi (2002), “a tecnologia pressupõe conhecimento do porquê da técnica e de como seus objetivos são alcançados”, indicando benefícios, bem como malefícios para a sociedade. Segundo a autora,

tecnologia é algo que se estuda e se aprende uma vez que é parte da cultura. Tecnologias não são apenas aparelhos, equipamentos, não são puro saber-fazer, são cultura que tem implicações éticas, políticas, econômicas, educacionais. (TOSCHI, 2002, p. 267)

Kenski (2006) articula tais idéias afirmando que

Tudo o que utilizamos em nossa vida diária, pessoal e profissional – utensílios, livros, giz e apagador, papel, canetas, lápis, sabonetes, talheres – são formas diferenciadas de ferramentas tecnológicas. Quando falamos de maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação, referimo-nos à técnica. A tecnologia é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada época. (KENSKI, 2006, p. 19).

Essa panorâmica realizada sobre os conceitos de técnica e tecnologia nos permite compreender os sentidos das mídias nos movimentos de evolução tecnológica, alargando seus significados, pois interfere em comportamentos individuais e sociais, fazendo, assim, parte da cultura existente.

Nesse sentido, trataremos agora do conceito de mídia para, em seguida, relacionarmos seu uso na formação de professores. McLuhan (1995) afirma que as mídias *são meios ou veículos de comunicação* e que “o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo”.

Mídia, de forma geral, é compreendida como “meios de comunicação”, termo oriundo do inglês *mass media*. Etimologicamente, vem do latim *maedia*, que significa meio.

De acordo com Santaella (1992, p.138), o termo “mídias”, utilizado largamente no plural, tem o objetivo de expor um traço diferente de cada mídia, caracterizando, assim, “a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação” (tv, rádio, jornal, revista, internet, cinema). Logo, o conceito de mídia faz parte dos conceitos de técnica e tecnologia. O termo “mídias” representa um conceito que referencia um amplo e complexo sistema de comunicação que tem as seguintes finalidades: fornecer suporte de difusão e veiculação da informação (rádio, televisão, jornal), gerar informação (máquina fotográfica e filmadora), organizar, transformar e disseminar uma informação (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia digital, etc.). Além disso, podemos indicar esse conceito ao aparato físico ou tecnológico empregado

no registro de informações (fitas de videocassete, CD-ROM, DVDs, CDs, *pen-drives*).

Em síntese, a mídia é o meio em que mensagens são divulgadas. Toschi (2002) relaciona a concepção de “tecnologia como produção cultural, como técnica que se estuda e aprende”, acrescentando-se a esta o conceito de mídia como o meio que transporta mensagens, conteúdos, conhecimentos.

McLuhan (1995) contestou a tese da neutralidade do meio tecnológico, portanto das mídias. Segundo ele, quando se transmite uma mensagem, o meio também transmite algo mais, que lhe é próprio e que interfere no conteúdo, alterando-o. Há que se relativizar o uso irrestrito, acrítico das mídias, principalmente por crianças e jovens em processo de formação do caráter, da personalidade. Seu uso deve ser equilibrado, consciente, sem exageros.

Belloni (2005) alerta para os efeitos danosos da superexposição às mídias. Segundo ela, as crianças estão superexpostas ao consumo desregrado da tv, e isso pode provocar problemas na sua formação.

Crianças que durante anos consomem televisão de modo frenético (isto quer dizer quase todas) absorvem certo tipo de mensagens, aspectos técnicos, elementos estéticos, que são de natureza diferente dos conteúdos. A televisão habitua o espectador a, por exemplo, privilegiar o *zapping* e a ‘desligar’ a atenção ou o aparelho quando um certo ritmo de sucessão de imagens e sons não é respeitado. (BELLONI, 2005, p. 6)

Nessa lógica, os meios para se chegar à comunicação, ao conhecimento tornam-se elementos para além da humanidade! É preciso ter

**A universidade traz em si o caráter de criticidade por excelência e, dessa forma, representa também uma instituição de contradições. Juntamente com a escola básica, a universidade tem sido extremamente exigida a dar respostas à complexidade que envolve a sociedade contemporânea.**

cautela entre um *discurso salvacionista* das mídias, como infelizmente ainda presenciamos, e o *discurso retrógrado e imobilista* de que não é necessário fazer uso das tecnologias como propulsoras do conhecimento. Quando consideramos as mídias como meios, devemos pensar que toda e qualquer comunicação que ocorre utilizando as mídias se torna eivada de caráter ideológico. Logo, ela pode servir à alienação como pode servir à emancipação.

Como *locus* privilegiado da construção de conhecimentos, as faculdades de educação devem pensar sobre a formação de professores num contexto de mídia-educação, ou seja, educar para as mídias. (BELLONI, 2005)

Trataremos das interrelações entre o uso das mídias e a formação de professores, no intuito de contribuir para que o trabalho pedagógico no cotidiano da escola básica, na sala de aula, aconteça com criatividade, criticidade e amplo domínio das tecnologias disponíveis, explorando seu potencial educativo. É preciso ressaltar, ainda, que o uso das mídias na escola não passa única e exclusivamente pela sua incorporação ao ambiente escolar. Devem, antes, transformar-se em mídias didáticas. Isto implica o conhecimento da

produção das mensagens que são veiculadas, das intencionalidades que se escondem por trás dessas mensagens, bem como do conhecimento do processo de construção e edição das mensagens. (TOSCHI, 2002)

#### 4. MÍDIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERCALÇOS E ALTERNATIVAS

No cotidiano das escolas, encontram-se múltiplos afazeres, múltiplos deveres, múltiplas responsabilidades. O século XXI, como temos analisado, representa um tempo de constituir novas relações e de repensar as antigas. As exigências têm sido colocadas e, cada vez mais, a visão de conhecimento toma conta do processo de formação humana e, especificamente em nosso caso aqui, de professores para a escola básica.

As escolas, pelo que temos presenciado, ainda não conseguiram superar o discurso de transformação para, efetivamente, fazê-lo valer na prática social. Elas ainda estão num processo de auto-reflexão, de auto-questionamento. Há um conflito instalado, principalmente no que tange à sua função social, às suas visões de mundo, às suas visões de educação e de homem.

Continua, portanto, o desafio à escola de contribuir, efetivamente, para a formação de cidadãos críticos, atuantes, criativos e autônomos no pensar e no agir, com vistas à transformação. Dessa forma, assumir as mídias, na perspectiva de trabalhá-las, no cotidiano da escola, de modo criativo, crítico, competente, passa a se constituir como grande desafio para gerar transformações profundas e significativas: formar professores, aprofundar as reflexões sobre metodologias de ensino, envolver o professor nos processos de seleção dos equipamentos, bem como exigir das diversas esferas das secretarias de educação a aquisição, manutenção e acessibilidade democratizada de equipamentos.

A universidade traz em si o caráter de criticidade por excelência e, dessa forma, representa também uma instituição de contradições. Juntamente com a escola básica, a universidade tem sido extremamente exigida a dar respostas à complexidade que envolve a sociedade contemporânea. (CUNHA, 2002) Nesse sentido, discutir uma educação para as mídias envolve concebê-las como fundamentais na formação do professor e como desafio para a universidade. O temor da tecnologia, a que nos referimos anteriormente, passa pela não-valorização do uso das tecnologias em educação, que tem sua origem nos próprios cursos de formação de professores – pedagogia e licenciaturas. (MASETTO, 2006; CUNHA, 2002)

Masetto (2006) afirma que a baixa exploração das mídias, no contexto dos cursos superiores, como ferramentas para atingir o conhecimento, serve a um padrão baseado numa tradição clássica cartesiana de aquisição do conhecimento. Assim, os professores

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



que são formados passam a atuar na educação básica seguindo a lógica de seus professores da faculdade. Cunha (2002) reforça ao afirmar que o ritual da didática prescritiva, baseada em relações assimétricas e verticais entre professores e alunos, na aula universitária, revela uma concepção de conhecimento situada na perspectiva de reprodução do conhecimento legitimado teoricamente.

Não raro, ouvimos nossos alunos dos cursos de licenciatura e de pedagogia indagar sobre as relações teoria/prática de seus professores. Muitos questionam o fato de que muitos professores “dizem uma coisa” e, no desenvolvimento de seu trabalho, “fazem outra”. As aulas, no espaço da universidade, caracterizam-se por serem exaustivamente monológicas, sem ancoragem nas linguagens midiáticas e na reflexão das próprias mídias. Dessa forma, excluem as possibilidades de vivência de uma formação que perpassa o mundo social em movimento. Salvo algumas exceções, não há um trabalho coordenado e direcionado para a reflexão de um filme, de um documentário, de um programa de rádio, de uma reportagem. Há algumas poucas propostas que tornam os alunos da graduação sujeitos produtores de saberes e conhecimentos.

Moran (2006) afirma que esses procedimentos são, também, muito rotineiros na escola básica, principalmente, nas séries iniciais do ensino fundamental. O professor, como forma de “ocupar” o tempo do aluno, disponibiliza vídeos para exibição, mas estes não são trabalhados em função das finalidades e de objetivos didáticos. Assim, a mídia representa um vazio no processo de formação do aluno. O professor precisa ser formado para que possa definir seu trabalho, de modo

a integrar diversas mídias a partir de uma multiplicidade metodológica que tenha a aprendizagem como fim. Para tanto, precisa conhecer cada uma das mídias, familiarizar-se com sua linguagem, ter domínio das formas de comunicação interpessoal/coletiva e as de comunicação audiovisual/telemática.

Neste sentido, concordamos plenamente com uma indagação de Belloni (2005): “como poderá a escola contribuir para que todas as nossas crianças se tornem utilizadoras (usuárias) criativas e críticas destas novas ferramentas e não meras consumidoras compulsivas de representações novas de velhos clichês?”. Entendemos que o professor, também, necessita de se formar dentro dessa perspectiva. Isto significa repensar as aulas, na universidade, no sentido de dotá-las de maior poder de exploração dos recursos midiáticos disponíveis.

## 5. FINALIZANDO SEM CONCLUIR...

Diante das breves reflexões, a formação de professores para as mídias deve perpassar a discussão sobre a concepção de professor que queremos formar. A escola e as faculdades de educação ainda estão em processo de preparação para desenvolver um trabalho mais direcionado à integração das mídias.

É preciso que os cursos de formação de professores ampliem o espaço de discussão e debate na perspectiva de, além de continuarem o trabalho com as tecnologias ditas clássicas, também procurem envolver-se na sociedade contemporânea a partir da implementação de espaços e tempos de envolvimento, de criação, de produção, de domínio das novas tecnologias, além de ampliarem a utilização das mídias no processo de formação dos docentes.

No espaço/tempo de formação de professores, já temos algumas experiências significativas (SILVA, 2008; GALAN & BLANCO, 2003; ARAUJO, 2007) que tornam os futuros docentes sujeitos ativos do processo de utilização das novas tecnologias de forma crítica e criativa. Alunos das licenciaturas e de pedagogia começam a produzir *blogs*, vídeos, documentários. Elaboram *home-pages*, hipertextos. Produzem programas na *radio web*. Enfim, iniciam suas incursões no mundo digital das novas tecnologias.

O professor necessário para o século XXI deve ter a consciência de que o uso das mídias não pode ser mecânico, instrumental, acrítico, descontextualizado. É preciso atribuir-lhe o seu lugar na educação: ferramenta pedagógica a serviço da formação humana cidadã, crítica e autônoma e da ampliação do conhecimento.

**As aulas, no espaço da universidade, caracterizam-se por serem exaustivamente monológicas, sem ancoragem nas linguagens midiáticas e na reflexão das próprias mídias.**

## Referências Bibliográficas

- ARAUJO, Julio Cesar (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação?* 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CUNHA, Maria Isabel da. Aula universitária: inovação e pesquisa. In LEITE, Denise B. C.; MOROSINI, Marília. (Org.). *Universidade futurante: produção do ensino e inovação*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.
- GALAN, Jose Gomez; BLANCO, Soledad Mateos. Sitios *web* en internet: orientaciones de creacion para profesores y educadores. *Revista Linhas Críticas*. Brasília-Distrito Federal: FE/UnB, 2003.
- JAPIASSÚ Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- KENSKI, Vani M. *Tecnologias e ensino presencial e a distancia*. 4. ed. Campinas/São Paulo: Papyrus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. In ROSA, Dalva E. G.; SOUZA, Vanilton C. de. (Orgs.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de.; TOSCHI, M.S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- LION, Carina Gabriela. Mitos e realidade na tecnologia educacional. In LITWIN, Edith. (Org.). *Tecnologia educacional: política, história e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In MORAN, Jose Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 10. ed. São Paulo, São Paulo: Cultrix, 1995.
- MORAN, Jose Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In \_\_\_\_\_.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura das mídias*. 2. ed. São Paulo: Razão Social, 1992.
- SANTOS, Gilberto Lacerda. Considerações sobre a formação do professor elaboradas a partir do processo de desenvolvimento de um software educativo para educação fundamental. *Revista Linhas Críticas*. Brasília, Distrito Federal: FE/UnB, 2003.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA, Adriana da. Blog educacional: o uso das novas tecnologias no ensino. *Revista Vertentes*. São João Del-Rei: UFSJ, 1993.
- TOSCHI, Mirza. Linguagens midiáticas em sala de aula e a formação de professores. In ROSA, Dalva E. G.; SOUZA, Vanilton C. de. (Orgs.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.